

A forma do pensamento

Livro de Alberto Pucheu sobre Agamben aproxima literatura e filosofia

Giorgio Agamben: poesia, filosofia, crítica, de Alberto Pucheu. Azougue Editorial/Faperj, 168 pgs. R\$ 32

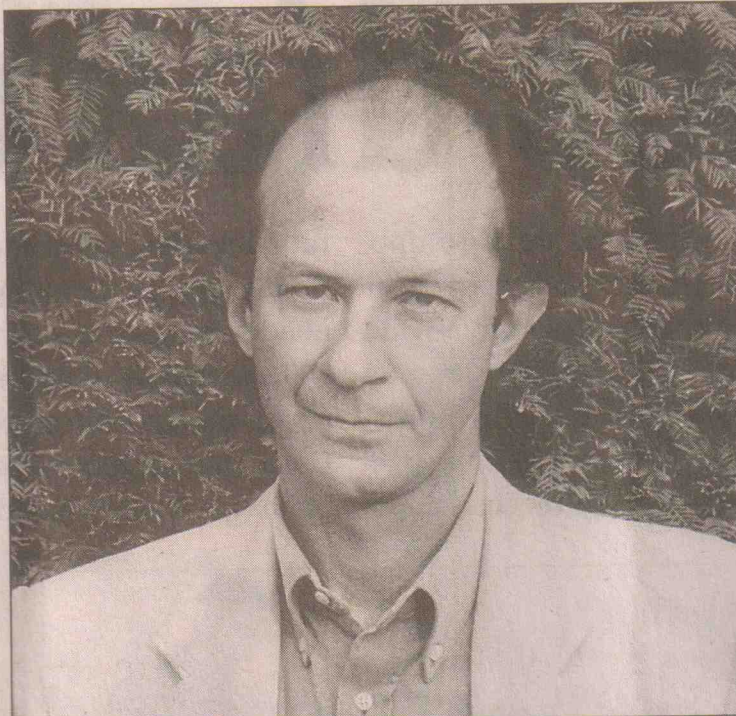
Pedro Duarte de Andrade

É sabido que, na origem da tradição ocidental de pensamento, está o divórcio entre a poesia e a filosofia. Platão já o diagnosticava como antigo e, por sua vez, ainda o fortaleceu. Nosso senso comum espelha até hoje esta querela: a filosofia parece o âmbito do conteúdo, da ideia, do conceito; a poesia soa como o âmbito da forma, da expressão, da imagem. É como se a filosofia, embora tenha o que dizer, não soubesse como, enquanto a poesia, sem ter o que dizer, dominasse a arte de como fazê-lo. Em outras palavras: a filosofia seria o discurso sério e grave porém enfadonho e chato, já a poesia seria o discurso descomprometido e sem tanta importância porém divertido e belo.

Textos em que poesia e reflexão são indiscerníveis

Em seu livro, Alberto Pucheu busca entender tal “fissura” entre poesia e filosofia chamando a atenção para o fato de que ela não é só separação, mas também, conforme aponta o duplo sentido da palavra em português, atração intensa. Esta é a tese de “Giorgio Agamben: poesia, filosofia, crítica”. Pucheu concentra-se no filósofo italiano contemporâneo que já permeava livros seus anteriores, aliás, como também ocorre com a sua tese, defendida na contramão da tradição, sobre a indiscernibilidade entre poesia e filosofia. Só que, desta vez, ele e ela são o foco central de toda a obra.

Isso faz o texto de Pucheu ter dupla valência. Há o aspecto monográfico, que trata de um autor, e também o aspecto temático, que trata de uma questão. É um livro, nesse sentido, menos sobre Agamben do que um livro que, através dele, coloca, com frescor, a questão da relação de poesia e filosofia. Sua escrita não está comprometida em esclarecer o que Agamben quis dizer, embora também o fa-



GIORGIO AGAMBEN: italiano aproxima diferentes usos da linguagem

ça aqui e ali. Portanto, o viés temático é que comanda as ações sobre o autor estudado, e não o contrário. O resultado é ótimo, pois sua prosa escapa das amarras acadêmicas habituais, ganhando fluidez, leveza, ritmo, liberdade. Não deveríamos esquecer que o valor de estudar um autor vem do interesse que as suas questões despertam, e não dele mesmo.

Pode-se destacar, ainda, que Agamben é colocado, no texto de Pucheu, em duas articulações com a questão do contato entre poesia e filosofia. Primeiramente, ele é o pensador que tematizou não apenas a proximidade e a vizinhança entre poesia e filosofia, mas até a indiscernibilidade entre elas. Depois, ele é também aquele cuja escrita efetivou tal indiscernibilidade. Ou seja, Agamben é, ao mesmo tempo, aquele que coloca a questão do contato entre poesia e filosofia e aquele cujos textos são exemplos de tal contato. É o que faz com que Pucheu destaque, convin-

centemente, características intrinsecamente poéticas dos textos de Agamben.

Nesse sentido, Agamben alinhar-se-ia com autores como Heidegger, Deleuze, Barthes, Blanchot. Embora tão diferentes entre si, todos seriam dotados de estilo, ou seja, a forma literária de expressão de seu pensamento é decisiva para compreendê-los. Daí a ideia de um “escritor filosófico” e de uma “prosa teórica” para caracterizar Agamben. Conclui Pucheu que “todo filósofo é escritor, ainda que nem todo escritor seja filósofo”. Consequência: se a poesia — sobretudo a moderna — pode nos oferecer pensamento e reflexão, a filosofia, por sua vez, pode nos dar prazer e entusiasmo.

Pucheu, aliás, faz em sua própria prosa, aqui e ali, esta confluência do caráter poético da escrita com o filosófico. É um pensar com ritmo. E com uma liberdade que dá a ele a chance de entremear referências aparentemente distantes, desde o

Divulgação

futebol de Didi e Pelé até o cinema de Kiarostami, passando pela poesia de Kaváfis e Sophia de Mello Breyner, assim como por textos de Roberto Corrêa dos Santos, pela filosofia de Heráclito, de Hegel e de Nietzsche, pelo pensamento de Hölderlin, pela psicanálise de Freud e Lacan, pela literatura de Borges. São aparições às vezes discretas, às vezes não. Mas o que impressiona é sua pertinência sempre que surgem.

Filiação explícita ao Romantismo alemão

Todo este elenco passeia pelos quatro capítulos em que se organiza o livro. No primeiro, é tratada diretamente a fusão entre poesia e filosofia como forma de achar uma linguagem, aquém da cisão tradicional, que incorpore “o abismo da escrita”. No segundo, a questão da crítica é investigada, mas sob a égide de sua miscigenação com a poesia, pois tal crítica possuiria uma negatividade decisiva, responsável por guardar a imprevisibilidade de seu objeto. No terceiro capítulo, é discutida, com rica análise, a relação entre poesia, prosa e verso. No último capítulo, a questão da tragédia serve como ponto de colocação, de novo, do contato entre poesia e filosofia.

Em todos os casos, Pucheu aponta a falência de classificações tradicionais que rigidamente separam, seja a filosofia da poesia, a poesia da prosa, a crítica da arte. Ele prefere, antes, falar de indistinção, xipofagia, fusão, indiscernibilidade, miscigenação, hibridismo. É ao pensamento nascido nesta dimensão misturada da linguagem que Pucheu devota o seu livro. Não por acaso, ele aponta, através de epígrafe que abre seu texto, a filiação aos primeiros românticos alemães, aos quais quem pensa como ele não pode deixar de voltar, afinal, já segundo Friedrich Schlegel o que se podia fazer com filosofia e poesia separadas estava acabado, portanto seria tempo de juntá-las. ■

PEDRO DUARTE DE ANDRADE é professor de Filosofia da UniRio

